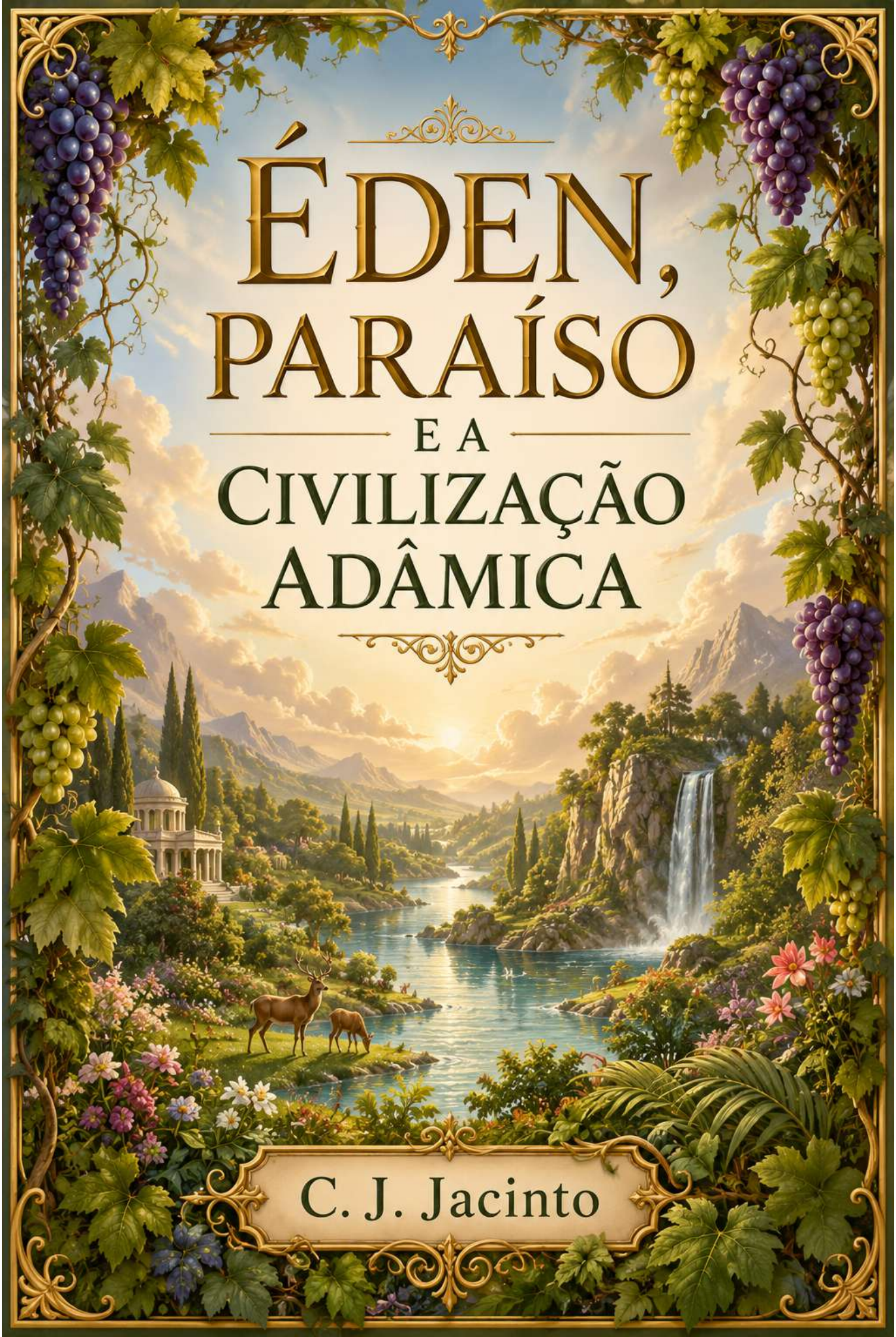
ÉDEN,
PARAÍSO
E A
CIVILIZAÇÃO
ADÂMICA
C. J. Jacinto

✦ ESTUDOS DE TEOLOGIA BÍBLICA ✦

ÉDEN, PARAÍSO
E A CIVILIZAÇÃO ADÂMICA

Uma investigação teológica sobre a condição primordial do homem, a glória do Éden e o horizonte escatológico da redenção

C. J. JACINTO
Teólogo e Estudioso das Escrituras

"...o sétimo desde Adão..."
Judas 1:14

"Viveu Adão novecentos e trinta anos, e morreu."
Gênesis 5:5

"O último Adão tornou-se espírito vivificante."
1 Coríntios 15:45

PRÓLOGO: A QUESTÃO QUE NÃO NOS ABANDONA

Há uma interrogação que percorre a espinha dorsal de toda a consciência humana, uma pergunta que emerge não dos livros de filosofia, mas das profundezas mais remotas do ser: de onde viemos, e para que existimos? Nenhuma civilização, por mais sofisticada ou primitiva que seja, jamais conseguiu silenciar esse clamor interior. Ele irrompe nas religiões, nas artes, nas ciências e nos sistemas políticos com a mesma insistência de uma voz que recusa ser calada. Este estudo parte precisamente dessa inquietação — e propõe que sua resposta definitiva não se encontra nos laboratórios da biociência nem nas especulações da filosofia pós-moderna, mas nas páginas inaugurais da Revelação Divina: o livro de Gênesis.

Vivemos em uma era de estridência intelectual, em que determinadas correntes do pensamento moderno ergueram a teoria da evolução ao estatuto de dogma inatacável, transformando o darwinismo num sistema quase religioso, capaz de suscitar mais fervor nos seus defensores do que a teologia nos seus detratores. No entanto, as descobertas mais recentes da biologia molecular, da genética e da neurociência contemplativa têm revelado uma complexidade tão alucinante na arquitetura do ser humano — o genoma, as redes neurais, a consciência reflexiva, a capacidade simbólica e artística — que a

narrativa reducionista da acaso evolutivo revela-se insuficiente para dar conta da grandiosidade do fenômeno humano. Como disse o matemático e filósofo da ciência Alvin Plantinga, a probabilidade de que estruturas biológicas de tal sofisticação emergissem por variação aleatória e seleção natural é tão infinitesimalmente pequena que apela mais à fé do que à razão.

A liberdade genuína de pensamento — não aquela que se autointitula "livre" mas se submete acriticamente ao paradigma secular — conduz o intelectual honesto para além dessa armadilha. E é precisamente essa liberdade que nos permite ancorar nossa investigação no texto sagrado, sem servilismo ingênuo, mas com a convicção de que onde quer que a revelação divina e a investigação humana séria se encontrem, a Escritura não precisa recuar.

> *"Também pôs a eternidade no coração deles, sem que o homem possa descobrir as obras que Deus fez do princípio ao fim."* — **Eclesiastes 3:11**

O sábio Qohelet identificou com precisão cirúrgica uma realidade que nenhuma psicologia ou neurologia moderna refutou: há no coração humano uma saudade de eternidade, uma nostalgia do infinito, uma memória inscrita na carne de algo que foi e foi perdido. Este estudo propõe que essa memória não é uma ilusão evolutiva, mas a cicatriz ontológica do Éden — o vestígio de uma glória primordial que ainda sangra no inconsciente da raça adâmica. Compreendê-la é o primeiro passo para compreender a redenção.

I. O ÉDEN: ANATOMIA DE UM COSMOS PERFEITO

O Paraíso como Dimensão Ontológica

O erro mais frequente na leitura do segundo capítulo de Gênesis é o de reduzir o Éden a uma descrição geográfica ou paisagística, como se Moisés estivesse escrevendo um guia de viagem para regiões extintas. O Éden, porém, não era primariamente um lugar — era uma condição, uma dimensão de existência em que o céu e a terra se interpenetravam sem mediação, em que o Criador e a criatura compartilhavam o mesmo espaço ontológico sem a dilaceração que o pecado posteriormente instalou. O teólogo reformado Geerhardus Vos denominou isso de "revelação protológica": Deus revelando no princípio, na estrutura mesma da criação primordial, aquilo que constituirá o destino glorioso da nova criação.

O texto hebraico de Gênesis 2:8 afirma que YHWH Elohim "plantou" um jardim no Éden, ao oriente. A palavra hebraica utilizada, נָטַע (nāṭ a'), possui ressonâncias de cuidado artesanal e intenção deliberada. O jardim não surgiu por acidente ou por um impulso cósmico impessoal; foi cultivado pela mão do próprio Deus com a intenção de criar um habitat digno do ser que havia criado à sua imagem. Se a cosmologia moderna nos ensina que o universo foi afinado com uma precisão fantástica para permitir a existência de vida, a protologia bíblica vai além: o jardim foi especialmente preparado para a florescência de uma vida que refletisse a glória divina.

A localização do Éden comporta uma dimensão misteriosa que as descrições geográficas de Gênesis 2:10-14 apenas tangenciam. Os quatro rios mencionados — Pisom, Giom, Tigre e Eufrates — indicam uma ancoragem histórica e geográfica real, não uma ficção mítica. Contudo, a ausência de qualquer vestígio arqueológico do Paraíso não é surpreendente. A própria narrativa bíblica sugere que o Éden possuía uma natureza removível, translúcida entre as dimensões do visível e do invisível. A passagem do Gênesis 3:24, que descreve querubins posicionados com espada flamejante para guardar o caminho da árvore da vida, não apenas nos fala de uma expulsão, mas de uma oclusão — uma clausura dimensional entre a esfera terrena caída e a esfera paradisíaca que se retraiu para a dimensão celestial.

> *""Estavas no Éden, jardim de Deus; cobrias-te de toda pedra preciosa..."" —* **Ezequiel 28:13**

Esta conexão com Ezequiel 28 abre uma janela deslumbrante sobre a riqueza ontológica do Éden. O profeta, na sua teoforia visionária, descreve o ser que habitava o jardim adornado com sardônio, topázio, diamante, berilo, ônix, jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. A linguagem gemmológica não é ornamental; ela evoca a presença da glória divina que no Éden se manifestava com uma concretude sensorial hoje inacessível. O Éden era, na expressão mais precisa, um fragmento do céu implantado na terra — um sancta sanctorum cósmico, um ponto de confluência entre as realidades eternas e o espaço-tempo da criação material.

A Árvore da Vida e o Eixo do Cosmos

No centro do jardim, dois elementos se destacam com uma pregnância simbólica e ontológica de primeira grandeza: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. A teologia cristã clássica, desde Agostinho até Calvino, passando pelos Padres Capadócios, sempre reconheceu nessas duas árvores não meros vegetais, mas sacramentos da existência edênica — canais visíveis de realidades invisíveis. A árvore da vida simbolizava a comunhão ininterrupta com a fonte de toda existência, a permanência na órbita do ser divino que sustenta toda vida criada. Comer da árvore da vida não era um ato de nutrição biológica, mas uma liturgia de dependência e comunhão — um reconhecimento sacramental de que o homem é essencialmente ser-de-relação, ser-para-Deus.

A árvore do conhecimento do bem e do mal, por sua vez, era o locus da prova da liberdade. O teólogo escocês John Murray identificou magistralmente no mandamento adâmico um "princípio de obediência da prova": a existência do limite não era uma limitação tirânica, mas a condição de possibilidade para que o amor de Adão por Deus se revelasse como genuinamente livre e não como mero automatismo programático. Um ser que não pode escolher não pode amar. E um amor que não pode ser traído não tem preço. O jardim era, portanto, o espaço da liberdade responsável — e foi precisamente essa liberdade que tornou a queda possível, e a redenção necessária e gloriosa.

A promessa de Apocalipse 2:7 — "Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus" — constitui o fecho magnífico do arco narrativo da Revelação: o que foi

perdido no Gênesis é restaurado no Apocalipse, não como um retorno ingênuo ao ponto de partida, mas como uma elevação escatológica que supera a condição edênica original. A redenção não restaura apenas o que havia; ela ultrapassa, plenifica e glorifica.

A Geometria do Éden: Jardim, Paraíso e Terra

Uma das observações mais sutis e profundas que a leitura cuidadosa de Gênesis revela é a distinção tripartida entre o jardim (gan), o Éden e a terra (eretz). O jardim era, ao que tudo indica, o centro administrativo e litúrgico do Éden — o espaço mais imediato de comunhão entre Deus e o homem, o sanctuário do cosmos primordial. O Éden designava a região mais ampla em que o jardim se situava — uma espécie de território sagrado que irradiava a presença divina de seu núcleo central para as regiões circunvizinhas. E a terra representava o campo de expansão para o qual Adão e Eva deveriam se multiplicar e exercer o domínio cultural-sacerdotal que Deus lhes havia confiado.

O mandato cultural de Gênesis 1:28 — "sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a" — revela a intenção divina de que a santidade edênica se expandisse concentricamente a partir do jardim até os confins da terra, através da agência de homens e mulheres que, como imagens de Deus, transportariam a glória divina para cada recanto da criação. O teólogo Greg Beale, em seu monumental estudo sobre o templo no pensamento bíblico, argumenta convincentemente que o jardim do Éden funcionava como o templo cósmico original, e que Adão exercia uma função proto-sacerdotal e proto-real no cuidado e

na guarda desse santuário. A vocação humana era, desde o princípio, teológica e cultual — antes de ser econômica ou política.

II. ADÃO: IMAGO DEI NA PLENITUDE DE SUA GLÓRIA

O Homem como Ápice da Criação

"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gênesis 1:26). Este plural deliberativo divino — interpretado pelos Padres da Igreja como antecipação trinitária, e pelos exegetas modernos como deliberação solene — marca a criação do homem como o ato culminante e qualitativamente distinto de toda a obra criadora. O homem não é apenas mais um ser entre os seres; ele é o único ser que carrega em si o reflexo estrutural do Ser que é a fonte de todo ser. A imagem de Deus (אֱלֹהִים צֶלֶם, tselem Elohim) não designa uma semelhança física, mas uma semelhança funcional, relacional e moral: o homem foi criado para conhecer Deus, para governar como seu vice-rei, para refletir sua sabedoria e sua glória nos confins da criação material.

Adão foi constituído de pó da terra e hálito divino — uma dualidade que os filósofos medievais celebrariam como a síntese do corpóreo e do espiritual, do temporal e do eterno, do finito e do infinito. O teólogo holandês Herman Bavinck via nessa constituição dual o fundamento da singularidade humana: o homem é simultaneamente o elo mais elevado da criação material e o ponto de inserção do espiritual no mundo. Ele não é nem puro espírito como os anjos, nem mera biologia como os animais; ele é a criatura anfíbia que habita a fronteira

entre os dois mundos, e precisamente por isso é o mediador natural da adoração cósmica.

A constituição do homem a partir do pó da terra (אֲדָמָה, adamah) contém em si uma ironia divina que só o tempo revelaria em sua plenitude: o mesmo barro que serviu de matéria-prima para a criação de Adão foi o solo sobre o qual o Filho de Deus se ajoelharia em Getsêmani, suando gotas de sangue, para reverter o que o primeiro Adão havia destruído. A teologia do segundo Adão é, antes de tudo, uma teologia do barro redimido — a matéria que Deus não abandona, mas transfigura.

O Paralelismo Cristológico: Adão e Cristo

Paulo, em sua magistral exposição do primeiro e do último Adão em 1 Coríntios 15 e Romanos 5, fornece a chave hermenêutica que permite reconstituir, ainda que em espelho e de forma aproximada, a vida de Adão antes da queda. Se Cristo, o último Adão, veio para restaurar o que o primeiro perdeu, então a vida de Cristo na terra — sua perfeita obediência, seu amor sem mácula, sua comunhão ininterrupta com o Pai, sua compaixão radical, seu domínio sobre a natureza — funciona como um negativo fotográfico da vida que Adão deveria ter vivido. Ao contemplar Cristo, contemplamos o projeto original de Adão.

ADÃO: *Criado do pó, recebe o hálito de vida de Deus.*
CRISTO: *O Verbo eterno feito carne, concebido pelo Espírito Santo.*

ADÃO: *Imagem e semelhança de Deus, criatura perfeita.*
CRISTO: *Deus em forma humana, o Filho encarnado e glorioso.*

ADÃO: *Homem perfeito em mundo perfeito — desobedeceu e caiu.*
CRISTO: *Homem perfeito em mundo caído — obedeceu até a morte.*

ADÃO: *Expulso do jardim, início da maldição.*
CRISTO: *Inicia a redenção no jardim de Getsêmani, começo da bênção.*

Este paralelismo não é mero artifício retórico; é a estrutura profunda da história da redenção. O teólogo reformado Louis Berkhof afirmou que a doutrina do "pacto das obras" — o arranjo pelo qual Deus colocou Adão como representante federal de toda a humanidade — é indispensável para a compreensão do "pacto da graça". Se Adão era o cabeça federal da humanidade na criação, então Cristo é o cabeça federal da nova humanidade na redenção. A solidariedade na queda exige uma solidariedade igualmente profunda na restauração.

A Vida Interior de Adão: Um Homem Teocêntrico

As escrituras não nos oferecem uma biografia de Adão no Éden — elas nos oferecem algo melhor: os princípios que governavam sua existência. E o mais fundamental desses princípios era o teocentrismo radical: Deus não era um objeto de estudo na cosmologia de Adão, mas o centro gravitacional de toda sua existência. Adão não perguntava "qual o sentido da vida?" porque a resposta estava inscrita em cada fibra de seu ser: ele havia sido criado para conhecer, amar e glorificar o Criador, e nessa vocação encontrava plenitude sem lacunas.

A psicologia edênica de Adão era a antítese da psicologia da angústia existencial que caracteriza o homem moderno. As patologias contemporâneas da alma — ansiedade crônica, vazio interior, depressão, narcisismo, ressentimento — são, à luz da protologia bíblica, sintomas de uma desconexão ontológica. O homem foi programado para operar com Deus como seu centro; quando esse centro é deslocado, toda a

máquina psíquica começa a girar em falso, produzindo atrito, desgaste e finalmente colapso. A ciência psicológica diagnóstica os sintomas com admirável precisão; a teologia identifica a causa raiz.

O Salmo 8, que a Epístola aos Hebreus aplica a Cristo, oferece um retrato poético da dignidade humana original: "Fizeste o homem um pouco menor do que os anjos, e de glória e honra o coroaste" (Sl 8:5). O homem foi coroado — não simplesmente dotado de capacidades, mas investido com autoridade real e glória sacerdotal. A glória de Deus revestia Adão e Eva como um manto luminoso, tornando sua nudez não uma exposição de vulnerabilidade, mas uma transparência de perfeição. A nudez sem vergonha de Gênesis 2:25 é, teologicamente, um dos enunciados mais profundos das Escrituras: ela descreve um ser que, não tendo nada a esconder de Deus nem do outro, vivia na transparência radical que é a condição de todo amor autêntico.

III. A CIVILIZAÇÃO ADÂMICA: VIDA, CAPACIDADES E VOCAÇÃO

O Trabalho como Liturgia

Gênesis 2:15 afirma que YHWH Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden "para lavrá-lo e guardá-lo". As palavras hebraicas utilizadas — עָבַד (abad, servir, lavrar) e שָׁמַר (shamar, guardar, preservar) — são as mesmas empregadas no Pentateuco para descrever o serviço sacerdotal no tabernáculo. O trabalho de Adão no jardim não era uma atividade econômica de subsistência; era uma liturgia, um ato de culto que expressava sua função de sacerdote-rei no santuário cósmico. Lavrar

o jardim era uma forma de adoração; guardar o jardim era um ato de fidelidade sacerdotal.

Neste dado profundo, a teologia bíblica desvela a origem sagrada do trabalho humano. O trabalho não é consequência da queda, como muitos erroneamente supõem; é uma dimensão constitutiva da vocação humana antes de qualquer ruptura. O que a queda introduziu no trabalho não foi o trabalho em si, mas o suor, a fadiga, a resistência da terra, a frustração da criatividade frustrada (Gênesis 3:17-19). No Éden, o trabalho era prazeroso, frutífero, espontaneamente criativo — uma extensão do caráter criador do Deus à cuja imagem Adão foi feito.

A nomeação dos animais (Gênesis 2:19-20) revela uma faceta extraordinária da inteligência adâmica. Dar nome às criaturas no pensamento hebraico não era um exercício de classificação botânica ou zoológica; era um ato de autoridade real e de compreensão profunda da essência das coisas. Adão não consultou taxonomias nem utilizou sistemas binomiais de nomenclatura; ele contemplou cada ser criado em sua singularidade e lhe atribuiu um nome que capturava sua essência. Isso pressupõe uma inteligência intuitiva de uma profundidade e agilidade que a mente humana pós-queda apenas vislumbra em seus momentos de maior genialidade.

A Memória, a Linguagem e a Cultura Primordial

Há uma questão que os estudiosos da proto-história bíblica frequentemente negligenciam: como se comunicava a civilização adâmica? A escrita, tal como a conhecemos, não antecede 3000 a.C. em

suas formas mais primitivas. Mas isso não implica ausência de linguagem sofisticada, muito pelo contrário. A tradição rabínica sustenta, com fundamentos textuais sólidos, que o hebraico era a língua original da humanidade — a língua em que Deus falou na criação, a língua em que Adão nomeou os animais e em que Deus dialogou com nossos primeiros pais. Independentemente da especificidade linguística, o fato teológico é claro: Adão foi criado com plenas capacidades comunicativas, sendo capaz de receber revelação divina direta e de articular respostas que expressavam adoração, obediência e compreensão.

A memória de Adão, ademais, dispensava suporte externo. Numa criação sem queda, sem o desgaste entrópico que a morte introduz na biologia cognitiva, o registro experiencial e revelacional do homem era perfeito e permanente. A deterioração da memória, a necessidade de anotações, a fragilidade dos registros históricos — todas essas limitações são parte da impermanência que o pecado introduziu na constituição humana. Quando Jó clama "sei que o meu Redentor vive" (Jó 19:25), ele está evocando, talvez sem o saber, um eco distante da certeza cognitiva edênica: um conhecimento que não precisava de prova porque era imediato, intuitivo e incorruptível.

A Queda: Decisão Federal e Tragédia Universal

A questão mais desafiadora do relato da queda não é científica nem histórica; é ética. Como pode um ato aparentemente tão simples — comer um fruto — desencadear consequências de proporções cósmicas? A resposta teológica começa com o reconhecimento de que a magnitude

de um ato não reside em sua aparência superficial, mas na grandeza do Ser contra quem é dirigido e na responsabilidade de quem o comete. Adão não era um homem qualquer; ele era o representante federal de toda a raça humana, o sacerdote-rei do jardim de Deus, o portador da imagem divina em sua plenitude. A desobediência de um ser assim não era um tropeço individual; era uma deserção cósmica.

1 Timóteo 2:13-14 estabelece uma distinção crucial e frequentemente mal compreendida: Eva foi enganada; Adão não foi. Adão comeu conscientemente, deliberadamente, com plena compreensão das consequências que havia sido informado que se seguiriam. Neste ponto, a exegese de Karl Barth, apesar de suas idiossincrasias, toca numa verdade profunda: a queda de Adão não foi uma fraqueza, foi uma eleição. Uma eleição terrível, mas uma eleição livre. E é precisamente essa liberdade que torna a queda moralmente inteligível e que torna a redenção moralmente necessária — pois somente onde há responsabilidade real pode haver também redenção real.

A imagem do capitão que conduz sua tripulação ao naufrágio, ou do líder que arrasta seus liderados para uma guerra catastrófica, captura algo verdadeiro sobre a natureza da queda. Quando Adão pecou, não apenas ele caiu; toda a humanidade que estava em seus lombos ontológicos caiu com ele. A entropia que então se instalou na criação — doença, morte, conflito, alienação, idolatria, violência — não era uma punição arbitrária de um Deus irado; era a consequência natural de uma

criação que havia perdido seu centro, de um ser que havia desconectado o fio que o ligava à fonte de toda vida e ordem.

> *""Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo."" —* **1 Coríntios 15:22**

IV. DE VOLTA AO PARAÍSO: A ESCATOLOGIA COMO PROTOLOGIA GLORIFICADA

Os Paralelos entre Gênesis e Apocalipse

Uma das evidências mais eloquentes da unidade orgânica das Escrituras é a simetria estrutural entre o primeiro e o último livro do cânon bíblico. O Gênesis e o Apocalipse formam um arco narrativo de uma coerência literária e teológica que transcende qualquer possibilidade de construção humana; eles são os dois pilares sobre os quais a abóbada da redenção se sustenta. Analisar esses paralelos é perceber que a história da salvação não é um improviso divino diante do imprevisto da queda, mas o desdobramento de um plano eterno concebido "antes da fundação do mundo" (1 Pedro 1:20).

- No Éden, Deus caminhava com o homem na "viração do dia" (Gn 3:8). Na nova criação, "o tabernáculo de Deus está com os homens" de modo definitivo e irrevogável (Ap 21:3).
- No Éden, não havia lágrimas, morte, tristeza nem dor (Gn 2). No estado restaurado, Deus "enxugará toda lágrima" e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor (Ap 21:4).
- Adão foi privado do acesso à árvore da vida pela queda (Gn 3:24). Os redimidos vencedores receberão o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus (Ap 2:7; 22:14).

- Do Éden fluía um rio que irrigava o jardim e se ramificava em quatro (Gn 2:10). Do trono de Deus e do Cordeiro procede um rio de água da vida, cristalino como o cristal (Ap 22:1-2).
- No jardim, Adão falhou em servir a Deus com fidelidade (Gn 3). No estado glorificado, os redimidos servirão ao Senhor para sempre, sem a possibilidade de falhar (Ap 22:3).
- Gênesis registra o primeiro casamento, sem cerimônia formal, na nudez e glória do Éden (Gn 2:18-23). O Apocalipse descreve as núpcias eternas do Cordeiro com sua Noiva glorificada, celebradas com toda a majestade do céu (Ap 19:7-9).
- O universo começou com a desordem reduzida à ordem pela Palavra de Deus (Gn 1:2). O universo conclui com a nova criação, em que a ordem do Éden é estabelecida sobre bases eternas e inquebráveis (Ap 21:5).

A Escatologia como Superação da Protologia

É essencial, porém, não romantizar a escatologia como um mero retorno ao status quo edênico. A nova criação não é o Éden restaurado; é o Éden glorificado, transfigurado, elevado a uma dimensão que o próprio Adão inocente jamais conheceu. O teólogo neerlandês Herman Bavinck articulou com maestria este ponto: a graça não restaura a natureza; ela a supera. O estado final dos redimidos é superior ao estado original do Éden em pelo menos três aspectos fundamentais: primeiro, a impossibilidade de pecar (non posse peccare), que Adão não possuía; segundo, a visão beatífica de Deus face a face, que excede qualquer communio edênica; terceiro, a posse de um corpo espiritual glorificado (1 Co 15:44), que transcende o corpo natural de Adão.

A promessa de Cristo em João 10:10 — "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" — não descreve um retorno à mediocridade da existência edênica; ela anuncia uma vida que excede em glória e plenitude tudo o que o jardim original continha. A vida zōē que Cristo oferece não é a vida psuchē de Adão inocente; é a vida do próprio Deus participada pela criatura redimida, uma participação na natureza divina (2 Pedro 1:4) que constitui o ápice da vocação humana e o destino glorioso para o qual cada ato da história da salvação aponta.

A Saudade do Éden como Missão

Aquela nostalgia de eternidade de que falamos no prólogo — esse almejo universal por um paraíso perdido que atravessa culturas, religiões, filosofias e utopias políticas — é, à luz desta investigação, um sinal de graça residual. Ela demonstra que, apesar da queda, a imagem de Deus em nós não foi totalmente obliterada. O homem continua a saber, em algum nível pré-reflexivo, que nasceu para algo maior do que o sofrimento, a morte e a insignificância. E quando os regimes políticos prometem o paraíso na terra, quando a tecnologia transumanista anuncia a imortalidade digital, quando as religiões oferecem caminhos de retorno ao estado primordial, eles estão, sem o saber, confessando a realidade da queda e a legitimidade da esperança de restauração.

A diferença é que nenhuma dessas tentativas pode, por suas próprias forças, transpor o querubim de espada flamejante que barra o caminho de volta ao paraíso. Apenas Um poderia fazê-lo — Aquele que, sendo ele mesmo o Criador do jardim, decidiu encarnar-se na carne do

pó adâmico para reverter desde dentro a tragédia que Adão havia produzido desde dentro.

CONCLUSÃO: O JARDIM DE GETSÊMANI E O CAMINHO DE VOLTA

A história da redenção começa e termina em jardins. No jardim do Éden, o primeiro Adão, diante de uma árvore, escolheu sua própria vontade em detrimento da vontade de Deus, e toda a criação foi arrastada para dentro da ruptura dessa desobediência. No jardim de Getsêmani, o último Adão, diante da perspectiva do Calvário, suou gotas de sangue e orou: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42). A obediência que o primeiro Adão recusou no jardim da beleza e da fartura, o segundo Adão prestou no jardim da agonia e da trevas. Esta é a dialética mais profunda da história humana.

Aquilo que o Éden representava — comunhão irrestrita entre o Criador e a criatura, vida sem morte, ordem sem caos, amor sem medo, plenitude sem lacunas — não foi definitivamente perdido quando Adão saiu do jardim com os olhos baixos e as mãos vazias. Foi posto em suspenso, aguardando a hora em que o segundo Adão entraria em outro jardim, não para colher um fruto proibido, mas para oferecer a si mesmo como o fruto redentor que restauraria o que havia sido perdido e inauguraria o que jamais havia existido.

> *""Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.""* **— João 1:12**

O Éden não é apenas um capítulo perdido da história humana; é o horizonte glorioso para o qual a história inteira da redenção marcha. E cada ser humano que nasce nesta terra carregada de espinhos e suor — cada um que aspira por algo maior do que sua finitude lhe oferece, que chora diante da beleza porque sabe que ela é eco de uma beleza que não viu, que anseia por um amor perfeito que os amores imperfeitos desta vida apenas pré-figuram — está, nessa aspiração mesma, confessando que é filho do Éden, portador de uma imagem que a queda desfigurou mas não destruiu, candidato a uma redenção que o Calvário garantiu e que a Parúsia consumará.

O Éden não ficou para trás. Ele nos espera à frente, glorificado e eterno, no horizonte resplandecente da nova criação — onde o rio da vida correrá cristalino do trono do Cordeiro, onde a árvore da vida florescerá sem interrupção, e onde o homem, redimido e glorificado, habitará para sempre na presença daquele que o criou, o amou, o resgatou e o transformou.

✦ *Soli Deo Gloria* ✦

REFERÊNCIAS BÍBLICAS PRINCIPAIS

Gênesis 1—3 · 5:5 · Salmos 8:5 · Eclesiastes 3:11 · Isaías 51:3 · Ezequiel 28:13 · Joel 2:3 · Lucas 23:43 · João 1:1,3,12,14 · 10:10 · Romanos 3:23 · 5:12-21 · 1 Coríntios 15:22,44-45 · 2 Coríntios 12:2 · Efésios 2:1-2 · Hebreus 2:7 · 7:26 · 9:14 · 1 Timóteo 2:13-14 · 6:16 · 2 Pedro 1:4,20 · Judas 1:14 · Apocalipse 2:7 · 17—22

C. J. Jacinto
Teólogo e Estudioso das Escrituras
Biguaçu, Santa Catarina — Brasil

Este estudo foi escrito em 2015, o aprimoramento e a organização do texto foi feita com ajuda de IA, as idéias centrais do texto são todas de C. J. Jacinto, o texto foi elaborado na época para estudo bíblico em grupo e EBD.